

O ARARIPE.

ANNO VI.

SABBADO 16 DE FEVEREIRO DE 1861.

NUMERO 253.

O ARARIPE é destinado a sustentar as ideas livres, proteger a causa da justiça, e propugnar pela fiel observancia da lei e dos interesses locais. A redacção se é responsavel pelos seus artigos; todos os mais, para serem publicados, deverão vir legalizados. O preço da assignatura é por um anno 40000 pagos adiantados; e por 6 meses somente 30000. O jornal sairá todos os sabbados. Os assignantes terão gratis 3 linhas por mez as mais serão pagas a 60 rs. cada uma e 80 rs. os outros.

CRATO:—TYPOGRAPHIA DE MONTE & COMP.—CASA DO PISA—N.º.

O ARARIPE.

O CRIMINOSO VALERIO.

É um escandalo constante o modo de proceder do Sr. Manoel de Jesus da Conceição Cunha, delegado de policia de Milagres. Não sabemos, si isto mesmo lhe tem valido a perpetuidade nesse cargo. Agora somos informado de que, ha tres meses, existe de baixo de suas ordens um perverso de nome Joaquim Valerio, criminoso no termo da Barbalha, para onde devendo ser remetido, o Sr. Manoel de Jesus insiste em tê-lo em seus domínios, tratando de ensinar-lhe o officio de ferreiro!

Joaquim Valerio é um perverso, de quem ninguém deixará de afastar os olhos com horror. Penetrando, alta noite, no interior de uma casa, com o fim de espancar a uma miseravel mulher, quebrou a péo uma creança de septe annos, que milagrosamente escapou, após longos meses de tratamento, aleijada de uma perna.

Na manhã seguinte tinha desaparecido levando a paga do seu crime, e inutilisou os maiores esforços, que para captural-o fez o honrado Sr. Pacifer, então delegado de policia.

Hoje vive asyldo á sombra da policia immoral do Sr. Manoel de Jesus, que seguramente continuará a subtrahil-o aos tribunaes da Barbalha, facultando-lhe talvez uma evasão da ordem daquella, que uma sua escolta concedeo a tres individuos, que S. S. remettia, ha pouco para o Crato, com escalla pela Barbalha, sob sua a guarda.

Milagres é no Ceará um pachaliato creado em beneficio de se homem prepotente, que se sustenta pela violencia e pela oppressão. É preciso que o governo olhe para isto, sob pena de ver o Sr. Conceição saír-se-lhe com uma prescripção de longo tempo, quando tentos reharer aquelle municipio,

Pedimos as autoridades da Barbalha requebrem a vinda daquelle perverso, afim de que responda ao tribunal do jury.

NOTICIARIO.

—O resultado da eleição para um senador nos 3 collegios do Crato, Jardim e Barbalha, foi o seguinte:

CRATO:

— André Bastos 23. — Pompeo 22. — Figueira 22. — Miguel Fernandes 21. — Machado 19. — Raimundo 13. — Jaguaribe 12. — Padre Carlos 6.

JARDIM:

— Pompeo 27. — Machado 27. — P.º Carlos 27. — P.º Pinto 27. — Jaguaribe 27.

BARBALHA:

— Raimundo 51. — Miguel 46. — Bastos 34. — Jaguaribe 16. — Figueira 15. — Pompeo 14. — P.º Carlos 7. — Machado 6. — P.º Pinto 3.

—No dia 17 do corrente partem desta cidade o ex-delegado Sr. major João Baptista e seus companheiros de commissão alferes Tertuliano, Rabello e Brasil. Desejamo-lhes mui boa viagem.

—Communição-nos de S. Anna, que no dia 10, entrando em casa do Sr. Cidade, (onde se achava jogando o Sr. subdelegado Onofre) Antonio Gomes, nosso votante, residente no Brejo-grande, o qual trasia uma pequena faca, com que preparava cigarros; o Sr. Onofre o mandára prender e tão máos modos empregara nisso, que elle proprio, ou seu filho, quebrára a cabeça ao pobre homem com uma pedra, dando se por isto um conflicto entre elles e o passiente, de sorte que este, que se achava em estado de embriaguez, ferira a dois com esse ferro. Afirmamos que a faca não era tal que se podesse considerar arma prohibida. Fez-se corpo de delicto dos ferimentos de Antonio Gomes.

Vejamos si o Sr. Onofre é pronunciado por isto.

COMMUNICADO.

Senhor Redactor.

Quando o homem se propõe a mentir não ha rédeas nem freio, que fação domesticar-o, e por isto verá Vm. o quanto é infame, calumniador, mentiroso e atrevido o parteiro do Sr. Mané Curandeiro.

ILEGIVEL

Vou mostrar ao respeitavel publico o arandel do mar -
proteiro e de seo ente infame e parteiro, como verá.

Illm°. Senr' Domingos Alves Chaves,

Jurema 16 de janetro de 1861.

Não obstante achar-se Vm. desgostoso com migo, sou obrigado a pedir-lhe o obsequio de dar-me a resposta desta. Não exijo de Vm. sacrificio, mas aquillo que for de verdade. Queira responder-me, se eu era inspector de S. Pedro na occasião da prisão de Leandro e si vio elle lançar sangue e si foi algemado por mim, e por mim remettido para o Jardim.

Responda-me com os dictames de sua consciencia. Já sou muito extenso. Sou De Vm. p. ven° e cr°.

Francisco Leite Rabello Machado.

Illm°. Sr. Francisco Leite Rabello Machado.

Gangorra 20 de janeiro 1861.

Tendo recebido uma carta sua o que soube é o que lhe respondo. Leandro quando algemado não lançou sangue por parte alguma nem apauhou que eu visse. Foi verdade que Vm. foi quem o prendeo e não vi elle lançando sangue pela bocca, sim muito gordo de furtar bodes e ovelhas para comer. Neste tempo desia-se que elle matou um senhor moço e padrinho. Esta historia foi a que achei delle, e o mais são historias, que levantão. E' o que tenho a responder-lhe, e respondo mais que eu era inspector nesse tempo e fui quem pedi a Vm. para ir prendel-o, e eu fui que o algemei em minha casa e remetti para o Sr. Manoel Francisco do Fundo, e elle remetteo para a Barra do Jardim. Julgo ter respondido: este que é — De Vm. P. v°. cr°. Domingos Alves Chaves.

O poderio em Milagros domina tudo no tribunal do jury. O Sr. Bernabé Ferreira de Azevedo apresentou-se na qualidade de juiz de facto de chapeo de couro, gibão, guarda-peito e chicote enfiado no braço e nestes trajes dirigio-se ao promotor para o recusar. Alem destes outros tem comparecido que nem ler sabem. E digão lá si isto não é poderio do Sr. Carandeiro?

Joaquim Valerio criminoso pela Barbalha, preso ha 3 meses nesta villa, devendo ja ter sido remettido para o lugar de seo delicto, vive trabalhando de ferreiro saindo da prisão para trabalhar na tenda de Antonio Vicente.

Sr. Redactor o pensamento intimo do coração de Ferrer velho não está mais com o gosto que ja teve, segundo disem. Elle deve derramar lagrimas e dar suspiros. Jurema 7 de fevereiro 1861.

Francisco Leite Rabello Machado.

Pergunta-se ao senhor padre Antonio de Almeida, (professor do Joazeiro,) si é inimigo de prevaricações aquelle professor, que lasca a cabeça e manda para a casa os discipulos ensanguentados, como aconteceu a um filho do Gonçallo Cabral?

Talves seja, porque ha professores que derramaõ impunemente o sangue de uma pobre creança, confiada a seus cuidados, e tem a cadeira junto ao balcão, haja inimigos de prevaricadores existem que escrevam contra um subdelegado no « Aararipe » e contra o successor na « Gaseta.

Pois bem; haverá tambem de hoje em diante um amigo dos offendidos que tome conta aos professores. Si vamos de furia, vá lá: tanto dirão os professores dos subdelegados, como os amigos dos subdelegados dos

quebradores de cabeça de meninos, dos padres que vendem no balcão. Joazeiro 14 de fevereiro de 1861.

Um amigo.

TRANSCRIPÇÕES.

○ IMPERADOR E A IMPERATRIZ DOS FRANCEZES.

Pensamos que agradável será aos nossos leitores o encontrarem aqui alguns apontamentos biographicos sobre duas personagens que tão distincto lugar occupão nos successos contemporaneos. Incontestavel é que caminha a França á frente do movimento europeu, tornando-se por isso a sua historia interessante a todos os povos que com avidéz buscão conhecer os protagonistas da sua brilhante scena.

Carlos-Luis-Napoleão-Bonaparte, terceiro filho de Luiz Bonaparte, ex-rei d'Hollanda e d'Hortensia-Engenia de Beauharnais, nasceu em Pariz a 20 de abril de 1808, sendo baptisado em Fontenebleau pelo cardinal Fesch e servindo-lhe de padrinho Napoleão I e a imperatriz Josephina.

Objecto dos disvelos de seus paes recebeu esmerada educação, sendo seu primeiro aio o abba de Bertrand, e seu primeiro professor o erudito Le Bas, assaz conhecido no mundo litterario. Testemunha do seu precoce talento e energia de caracter, aprazia-se seu tio em fazel-o discorrer sobre varios assumptos, augurando-lhe o mais grandioso futuro. Proscripto com toda a sua familia depois dos acontecimentos de 1815, refugiou-se na Suissa, onde havendo seus pais feito aquisição do castello d'Arenenberg, ahi residio por largos annos, consagrando sua forçada inacção a severos e profundos estudos que tão rijamente penetrarão sua alma.

Saudando com sincera effusão d'uma alma verdadeiramente patriótica a revolução franceza de 1830, esperou que lhe franqueasse ella o regresso aos seus lares: recusou-lhe porém o governo de julho essa satisfação, prolongando-lhe o exilio. Illudido em seu anheilo, foi com sua heroica mãe residir em Roma, onde se achava então grande parte de sua familia.

Ahi, na cidade eterna, cercado de recordações historicas, avivadas as reminiscencias da infancia, exaltou-se o animo inflamavel do moço principe. Preocupava todos os aspiritos a insurreição da Romania, que hasteava o pendão da liberdade da Italia e a expulsão dos Austriacos. Luiz Napoleão, impaciente de gloria arranca-se dos braços de sua mãe e vai correr todas as eventualidades d'uma arrojada e quiza temeraria empreza.

Todos sabem como mallogrou-se essa tentativa revoluciodaria, que começando pela tomada de Civita-Castellana, succumbiu esmagada pelo poderio austriaco. Pelo seguinte trecho d'uma carta escripta pelo general Armandi á rainha Hortensia, podemos avaliar do proceder do principe em semelhante situação.

« Ufanai-vos, senhora, de ser mãe de tal filho. Toda a sua conducta n'essas tristes circumstancias é uma serie d'acções de dedicação e coragem. Não o esquecerá a historia. »

Ferido n'uma das suas mais caras affeições pela perda de seo irmão mais velho (Napoleão Luiz), que fallecera em Forli victima d'uma molestia de peito, adoeceu gravemente em Ancona, onde superando mil obices e illudido a vigilancia dos austriacos, foi prodigalisar-lhe a rainha Hortensia os thesouros de sua inexgotavel ternura. D'Ancona vemol-o dirigir-se á Hespanha, passar á Suissa, e penetrando em França

ILEGIVEL

a despeito da rigorosa prohibiçãõ que lh'o vedava, ir apresentar-se] na rua Paz, em Pariz. Sem a sublime dedicação de sua mãi, que por toda a parte o acompanhava, e o cavalheirismo de Casimiro Perier, não teria Luiz Napoleão podido deixar o solo francez e passar a Londres sem incommodo algum. Restabelecido d'uma perigosa molestia que na metropole ingleza o acommettera, voltou o principe á sua aprazivel residencia d'Arenemberg, nas margens do lago de Constança.

Não era porém a risonha habitação suissa, os prazeres da vida campestre, que convinhão á sua alma de tempera d'aço; aspirava pelos tumultos e agitação da politica. Assim, quando os emissarios polacos forão offerecer-lhe a corõa de Sobieski, respondeu-lhes com estas nobres palavras:

« Não posso ser vosso rei, porque pertengo antes de tudo á França; servirei porém mais eficazmente á santa causa da Polonia combatendo a vosso lado como simples voluntario. »

A noticia da tomada de Varsovia e do tragico fim da revolução, surpreendeu-o em caminho e obrigou-o a voltar para Arenemberg.

Chegado porém a uma estação da vida que nos abraza a febre da actividade, resolveu-se Luiz Napoleão a escrever a Luiz Philippe supplicando-lhe um lugar no exercito francez. Nenhuma resposta julgou o rei dever dar a semelhante pedido.

/Continua. /

O VOTANTE.

(CANÇÃO POPULAR.)

Me afirmaõ que sou votantê,
Cidadaõ qualificado,
Olé!

Por isso ja não descanso,
Dia e noite atormentado
Com pedidos,
Que respondo:—só eu voto,
Só vou lá,

Se me derem roupa boa,
Ta...ra...la...
Sem o que palavra d'honra,
Não vou lá!..

Desta terra aonde planto,
Vem o dono, e dis altivo:
Olé!

—Se voce não der-me o voto
Fóra, fóra...Se m'esquivo
Temos briga;

Mas respondo:—só eu voto,
Só vou lá,

Se pagar a quem eu devo,
Ta...ra...la...
Sem o que, palavra d'honra,
Não vou lá!

Apparecem meos credores,
O logista, o taverneiro,
Olé!

E me disem:—tome a lista,
Ou pague nosso dinheiro
Sem demora;

Ea respondo:—só eu voto,
Só vou lá,

Se deixar comer em casa,
Ta...ra...la,
Sem o que, palavra d'honra,
Não vou lá!

Da guarda nacional,
Apparece o meo sargento,
Olé!

E me dis:—do commandante
Está seo nome no asseato,
Sem pensa,

Eu respondo:—só eu voto,
Só vou lá,
Se me der dinheiro e roupa,
Ta...ra...la,

Sem o que, palavra d'honra,
Não vou lá!

Do quarteiraõ, onde moro,
Vem dar-me o inspector aviso,
Olé!

Que o meo voto ao delegado,
Mais que nunca é preciso,
Que veixame!

Eu respondo:—só eu voto,
Só vou lá,

Se me der alguma cousa,
Ta...ra...la,
Sem o que, palavra d'honra,
Não vou lá!

Se não voto,—o potentado
Da terra me lança fóra,
Olé!

Onde irei faser roçado
Para meo filho que chora
Na miseria?

Oh, que sorte...todavia
Só vou lá,
Se me der camisa e calça,
Ta...ra...la,
Sem o que, palavra d'honra,
Não vou lá!

Se não voto meos credores
Pinhoraõ meo possuido,
Olé!

Fico a tãa, sem a choça,
Sem legume, até despido,
Santo Deos!

Oh, que sorte...todavia
Só vou lá,
Se me derem chapeo novo
Ta...ra...la,
Sem o que, palavra d'honra,
Não vou lá!

Se não voto,—o commandante
Não me esquece na revista,
Olé!

Me destaca, me persegue,
Com serviços me contrista,
Me atropella;

Oh, que sorte...todavia
Só vou lá,

Se me der o que preciso,
Ta...ra...la,
Sem o que, palavra d'honra,
Não vou lá!

Se não voto,—o delegado
Me processa sem delicto,
Olé!

Tenho algemas, e cadeia,
Se não tenho um rapasito,
Sou recruta,

Oh, que sorte...todavia
Só vou lá,

ILEGIVEL

Se tiver uma japona,
Ta...ra...la,
Sem o que, palavra d'honra
Naõ vou la!

Se votár no delegado,
Soffrerei do commandante,
Olé!

Se votar nos meos credores,
Soffrerei, pobre votante,
D'outro as iras,

Oh, que sorte... todavia
Sõ vou la,

Se ganhar muito dinheiro,
Ta...ra...la,

Sem o que, palavra d'honra,
Naõ vou la!

Se na eleição me apresento,
La da mesa o presidente,
Olé!

Se me chamam, me regeita,
Dis ser outro, logo a gente
Se elvoroça,

Ha pancadas... que perigo!
Sõ vou la,

Se me derem muita cousa,
Ta...ra...la,

Sem o que, palavra d'honra,
Naõ vou la!

(Juvenal Gallero.)

VARIEDADES.

O REI VICTOR EMMANUEL.

O—Independente —de Nápoles, piuta o seguinte retrato de Victor Emmanuel, e conta delle uma curiosa anedocta, sendo esta e aquelle da pena de Alexandre Dumas:

Victor Emmanuel é um homem de 40 á 42 annos, franco, leal, vigoroso, sobrio, madrugador e grande caçador a pé.

Das correrias nas montanhas, em que excede o mais agi Montanhez. E' raro que o Sol se levante primeiro qu'elle.

Come apenas no almoço um pedaço de pão com uma talhada de presunto ou de queijo sobre o pão, ao modo dos aldeões; porem ao jantar come bem, mas sem etiqueta, nem côrte, nem camaristas.

No domingo que é dia da recepção geral, as portas do palacio abrem-se de par em par as 11 horas, e a meia hora depois do meio dia toda a gente pode entrar.

Se alguém deseja uma audiencia particular, escreve ao rei, e no dia seguinte é recebido, porque o rei Victor Emmanuel abre por sua mão todas as cartas que lhe são dirigidas.

Um dia, n'uma de suas caçadas, encontrou um aldeião, que vendo-o matar duas perdises, se aproximou e lhe disse:

—Atraes bem.

—Menos mal! Respondeo o rei.

—Pelo que vejo, não vos seria difficil livrar-me de uma raposa que me come as gallinhas?

—Estou prompto.

—Se a mataes dou-vos dois mutte (dous mutte valem desuito grani)

—Está dito, respondeo o rei

—Está dito, disse o aldeião.

—Tocae.

O rei tocou na mão do aldeião, e, voltando na

manhã seguinte, como os seus cães, matou a raposa.

—Deveis-me dous mutte.

—Eil-os, disse o aldeião.

O rei pegou nelles.

Por Deus! Dissé elle, o primeiro dinheiro q' ganho!

E, fazendo saltar o dinheiro na mão, acrescentou;

—Dá gosto receber o dinheiro bem ganho.

No dia seguinte em troca dos dous mutte, presenteou a mulher do aldeião com um vestido, um collar e brincos para as orelhas.

E' impossil ser mais accessivel que o rei V. Emmanuel:

Elle sae a pé e entra no theatro pela porta commum.

Um dia, a porteira do theatro de Angenes vio um individuo que lançava o fumo do charuto ao nariz do seo gato, que estava encolhido n'um canto.

A porteira correu, agarrou o fumador pelo braço e reconheceo o rei.

Quando a côrte de Roma, depois da lei Siccardi, protestou contra a igualdade, perante o imposto do clero e povo, o rei conservou-se firme e nada o fes dobrar.

E é para notar que nessa occasião, tinha contra si não só a côrte de Roma, mas todas as potencias catholicas, a nobresa e clero do seo pais, e até a sua familia.

Atravessei toda a Italia, desde os Alpes ao Adriatico: em Genova, Turim, Milão, Verona, Venesa, todas as pessoas com quem fallei me disião:

Pode haver na Italia um homem tão honrado como Victor Emmanuel, mas mais não.

E' o elogio maior que se pode faser de um rei, e que nós os portugueses podemos faser ao nosso, que n'uma carruagem da mala-posta, sem guardas, nem soldados, viaja forte da sua consciencia e lealdade, confiãdo nas affeições e sympathias á quem tem direito.

BRILHANTES ODORIFEROS.

Ha, diz o Sparie, actualmente em Londres, e mesmo em França, um certo alvoroço entre a alta sociedade, os joalheiros e lapidarios. Descobriu-se, ao que parece, recentemente no reino de Ava uma nova especie de brilhantes, que tem todo a brilho e qualidades dos outros, e, alem d'isso, uma propriedade odorifera, que se manifesta n'uma temperatura elevada da atmosphera de uma camara, ou melhor ainda, n'uma sala de baile.

Estes diamantes apparecem na parte de Ava banhada pelo Irawadi, cujo solo se compõe de materia ferreas e carbonicas.

O perfume que exhalao é um mixto de ambar, de incenso e de uma essencia de madeira, muito commum nos tropicos e que se designa com o nome de pão da India.

Já no reino de Ava, e em algumas outras partes do Bereran, onde estes brilhantes são conhecidos, a imaginação oriental lhes attribue virtudes talismanicas; a ponto de admitir que a pessoa que os traz exerce um poder fascinador sobre aquelles que se lhe aproximam, e que a sua acção produz uma especie de hyphotismo moral ou embriaguez de affeições e de sentimentos do coração.

Esta creença dá um grande valor á estes diamantes. São particularmente, procurados pelos nababos, principes, etc., cujo traje habitual comporta os mais sumptuosos adornos.

E' mais uma gloria ameaçada, é mais uma revolução que se prepara para vencer o diamante de nossos avós e desthronal o da sua antiga preponderancia.

IMPRESSO POR M. BRUNO DOS SANTOS SOBRINHO.

ILEGIVEL